

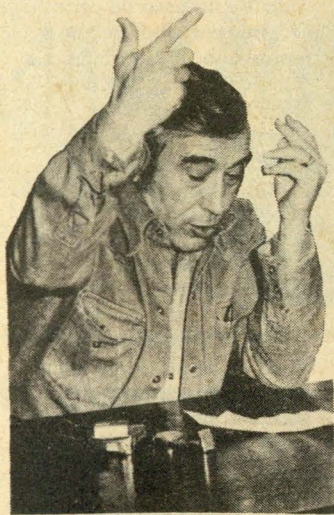
# Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

## O fim!

Eunice Cabral termina hoje, nas nossas páginas, o seu exaustivo estudo sobre a obra de José Cardoso Pires, um dos grandes autores portugueses contemporâneos e nosso prezado colaborador. A primeira parte deste trabalho, recordamo-lo, foi publicada no número do Sete Ponto Sete da semana passada.

Pág. 23 e 25



## Como são?

Além do «Apocalypse Now», também hoje estreia o Kramer contra Kramer»: Dustin Hoffman, Meryl Streep e Justin Henry, de seis anos. Ambos filmes que você não vai perder, durante este fim-de-semana, se marcar bilhetes desde já.



## Bom!

Um Fassbinder a caminho dos cinemas das grandes avenidas. Só agora a crítica vai começar a «conhecê-lo»? Porquê?

Pág. 20

## O filme das separações

Segunda-feira 24, no segundo canal, às 22 horas: o quarto episódio do fabuloso «Cenas da Vida Conjugal», de Ingmar Bergman, com Liv Ullmann, Erland Josephson e Bibi Anderson. Depois haverá ainda mais duas semanas de «Cenas». Quando o filme foi exibido

comercialmente numa sala de Lisboa, não foi possível contar as separações a que deu origem. Apanhados de surpresa pela programação atrasada de Fernando Lopes, os homens da Estatística ainda não prepararam, desta vez, um aparelho de avaliação capaz de responder a esta necessidade de contagem das perdas e danos afectivas por efeitos da Televisão.



## Os mestres cantores de Leipzig

Mário Vieira de Carvalho

Só me dei conta de que não ouvia há muito música de Wagner quando a Orquestra Gewandhaus de Leipzig atacou a abertura de **Os Mestres Cantores**. O tema dos Mestres, com que se entra logo no assunto, parecia-me ao mesmo tempo novo e familiar, algo como a recordação de um paraíso inconscientemente perdido. À chegada do **Liebsthema**, a sensação de reencontro de um estado de equilíbrio ganhou completa nitidez. Senti que estaria talvez a trair a minha fidelidade a Mozart, companhia que nestas andanças tivera o cuidado de assegurar regularmente (quando menos, conservado em «cassetes»). Mas não havia dúvida: quatro meses sem Wagner tinham criado um vazio numa camada qualquer do subconsciente, tão condicionado pela experiência musical. A novidade do já conhecido era ainda mais perturbante por se compreender o hiato entre dois momentos de audição da mesma obra. Não era um Wagner contra outro Wagner: era, no ponto em que o deixara e no ponto em que o reencontrava, o mesmíssimo. E, por coincidência, na mesmíssima sala e na mesmíssima produção.

Procurar razões musicais ou estéticas, melhor ou pior fundamentadas, para explicar o que é talvez do puro domínio afectivo não levaria longe. Mas, por vezes, o distanciamento em relação a um quotidiano, que necessariamente nos condiciona, pode ajudar a rever alguns conceitos mal se começa a viagem. A cada um se colocará diferentemente a questão: «Que é feito da terra firme onde me sentia tão firme?»

### «A santa arte alemã»

Mozart e Wagner. Quantos amadores de Música, quantos músicos mesmo, não continuarão a bater-se por um ou por outro em termos de gostar ou não gostar, justificando as suas preferências com atributos do género: «frescura», «simplicidade», talvez «pureza» e «elegância» para o primeiro; «sensualidade», «carácter apaixonado», «força», para o segundo. E, todavia, à parte

considerações de ordem histórico-cultural que «explicam» Mozart e Wagner nos seus respectivos meios e épocas, serve a qualquer deles qualquer dos atributos. Assumamos, pois, as nossas preferências, mas não confabulemos teorias. Senão, quase apetece contrapor que Wagner é tão mozartiano nos Mestres Cantores quanto Mozart é wagneriano no D. João ou na Flauta Mágica...

Afirmção esta, aliás, não desprovida de fundamento. Se há compositor que tenha pensado em profundidade o seu projecto, na base da assimilação crítica de uma tradição cultural, esse é sem dúvida Wagner. Basta lembrar os seus escritos sobre Mozart, Beethoven ou Weber, eles próximos de uma cadeia que remota aos «Mestres de Nuremberga» e da qual o próprio Wagner se considerava um continuador, ciente do seu direito ao mesmo título de **mestre alemão**. Mestre num sentido não figurativo



(de «grande artista») mas no sentido próprio e antigo de **mestre-de-ofício** a que nem sequer faltava o pormenor exterior, simbólico, da gorra que fazia questão de usar e com que aparece em alguns dos seus mais célebres retratos. **Alemão** num sentido não tanto chauvinista, mas mais de ligação ao povo, de ligação a uma comunidade cuja individualidade se preserva e se transmite historicamente sobretudo através da arte. «Mesmo que o Santo Império romano se esfumasse», proclama Hans Sachs, secundado por todo o povo, «ainda nos restaria

a santa arte alemã!» O povo alemão a reconhecer-se na sua arte, num gesto festivo, comovido e exaltante, eis o significado da cena final dos **Mestres Cantores**, tal como o restituiu com extraordinária vitalidade a Ópera de Leipzig, nesta produção de um dos seus encenadores residentes, Gunther Lohse. Por detrás do brilho de desfiles e danças, de trajes e bandeiras, por detrás do rigor histórico dos principais apontamentos de cor local na reconstituição da festa popular

(insígnias dos mestrisais, máscaras e arlequins, etc.), por detrás do espectáculo envolvendo larguíssimas dezenas de artistas (incluindo coro, bailarinos, figurantes), havia essa mensagem mais profunda.

### Música «de antontem» para «depois de amanhã»

Descendo a alguns pormenores da «culinária cénica» (expressão de Gunther Lohse, citando Brecht), que tem a missão de ocupar totalmente o espectador com a compreensão da obra porque lhe

prende a atenção e o diverte, aponto entre muitas outras ideias ainda relacionadas com o último quadro, as seguintes: no final do 2.º acto, dado com tintas brughelianas e um virtuosismo de expressão corporal que me trouxe à memória o Piccolo Teatro di Milano, introdução de alguns elementos (máscaras, perseguições, etc.), que ligavam naturalmente a desordem da véspera à festa do dia; aproveitamento dos arlequins como um precioso apoio para sublinhar

